

**(aprendendo) Direitos Humanos
com Boletins do Fórum Intersindical**

[Boletim Informativo nº 55, março 2020, Artigo do mês]

Trabalho E... Reconhecimento (VI)*Eguimar Felício Chaveiro**Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos*

É fácil perceber que a desigualdade social cria um mundo enfermo, assim como o monopólio da riqueza, a exploração do trabalhador, o preconceito racial, A PRESSA... AS PRESSÕES. Noutro polo há que se entender: a vontade de viver promove saúde. Viver - já dissemos - tem o nome coragem. E também é muito perigoso - já disse Rosa (o Guimarães) - e contra o perigo salve a coragem! De maneira leve e compassada, a psicóloga Livia Mesquita de Souza discorre sobre A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO NA VIDA DE TODAS AS PESSOAS. Ao ouvi-la com atenção, a nossos ouvidos acorriam os murmúrios dos movimentos que creem na importância do trabalho na vida de todas as pessoas. Estavam lá com sua algazarra tilintante em nossos tímpanos os sem-terra, os sem-teto, os quilombolas, os ribeirinhos, as rendeiras de bilro, as quebradeiras de coco babaçu, os deserdados por desastres criminosos, as marisqueiras, as mulheres negras violentadas, os índios apossados, os bailarinos negros do funk, os homoafetivos de todas as razões e, entre tantos outros, o Fórum Intersindical do Rio de Janeiro e o Grupo Dona Alzira de Goiás. A escuta respeitosa e reveladora de Livia Mesquita fez emergir algumas interrogações: como todos os grupos que empunham o reconhecimento do trabalho na vida de todas as pessoas podem conviver com o trabalho como fonte de adoecimento? Reconhecimento do trabalho?

Mas qual parábola do reconhecimento? Ou como as rendeiras de bilro e o Grupo Dona Alzira podem se tornar promotores de saúde? Reconhecimento, por certo. No momento quente da audição da palestra de Livia, as interrogações se somavam a um dos objetivos de todos os grupos: RECONHECIMENTO ou gerar contentamento por estarmos juntos; sermos motivados em nossos encontros; enfrentarmos os problemas internos e do mundo com desejo de aprendizagem e com firmeza ética. Esses objetivos, para quem está chegando e para ativar a memória dos membros “clássicos”, formam um dos esteios, por exemplo do Dona Alzira, tão bem referenciado por Angelita Pereira e Thiago Sebastião. Esse esteio - trabalhar constituindo saúde - no passado recebeu o nome de “MILITÂNCIA DE BRANDURA” ou “MILITÂNCIA DE UMIDADE”. Para nós o nome importa! Hum... Esteio tamanho que poderia ser também das rendeiras de bilro, nos olhares militantes de brandura de Dona Lucinda e de Dona Maria Rita, rendeiras de quatro costados e brasileiro orgulho. Professores universitários, motoristas do UBER, trabalhadores informais, bancários, rendeiras de bilro e, inclusive, microempresários, corretores de bolsa, vendedores de seguro estão adoecendo. Ancorados na leitura de Byung Chul Han (2015), nós mesmos, João Henrique e Ronan Eustáquio (2020) já víamos na “patologização global dos trabalhadores” os motivos dos olhos tristes de João Henrique ao pesquisar a rentabilidade da doença por meio da MEDICALIZAÇÃO DA VIDA. Morrer é um prejuízo para as corporações, mas a doença é lucrativa. Gerar o adoecimento é, assim, uma forma de os atores hegemônicos lamberem os lábios com a desgraça e limparem os dedos em suas gravatas coloridas. Os itinerários da psicanálise nos conduzem a entender que tudo implica na emoção e no corpo.

O sangue na veia, por exemplo, transporta o mundo para o dentro, e o mundo objetivo é também um desenho da emoção, do desejo e dos afetos. Ou seja, nas veias corre o mundo, sua trepidação; em nosso lar, no trabalho, no trânsito, correm a emoção, o sentimento e o afeto. De maneira que tudo implica na saúde-doença: as palavras ouvidas; os ruídos exagerados; os silêncios atônitos; a quantidade de tarefas; as ameaças; os gemidos solitários; os AIS envergonhados...

A professora Sandra de Fátima gostava de dizer: “o corpo vibra no piscar das estrelas”. Talvez a rendeira de bilro – Dona Luzia – aprecie saber disto. Um ponto primordial versado na palestra de Livia foi o anteparo ao adoecimento. Para isso, no embate narcísico de todos os sujeitos em todos os dias, a todo momento, entra a importância do RECONHECIMENTO como se esse fosse um expediente de combate ao adoecimento. E É. Os grupos e os sujeitos, caso queiram a saúde, precisam aprender a reconhecer. Poder-se-ia sintetizar: nenhum pai, nenhuma mãe, nenhum amigo, nenhum trabalhador, namorada, namorado, filho, vai bem no embate narcísico sem o RECONHECIMENTO.

Pois bem! O reconhecimento é nutriente da estima, da autoestima e da relação com o Outro. Amor incondicional é, portanto, balela. O amor é condicional e deseja essa prenda magnífica: o RECONHECIMENTO. Sem essa prenda - o RECONHECIMENTO - o amor se esmaece na bruma oscilante dos dias. Mas a palestra do amor virá depois... talvez no próximo café com Juliane e Luana Feldman. Mas, afinal de todas as contas, o que é o RECONHECIMENTO, meu caro Watson? O reconhecimento é matéria prima primordial da autoestima; é quando o Outro pertencente ao nosso campo relacional positiva a nossa existência, as nossas ações e os nossos comportamentos. Essa positividade, alinhada a um esquema de valor consistente, não é, contudo, ausência de crítica. Por isso, o RECONHECIMENTO não é igual a ELOGIO, nem igual ao silenciamento crítico. O elogio é, geralmente, a fortuna da palavra fácil, o RECONHECIMENTO exige atitude, pode ser silente. Elogiar é fácil, reconhecer é difícil. O elogio pode nos comprar, e geralmente o faz. No trabalho, então, o elogio é a glória do capital. Já, o RECONHECIMENTO certamente nos faz consistentes. A crítica ganha legitimidade e aceitação quando se junta ao RECONHECIMENTO. A história do capitalismo - código genético da opressão - mostra que ao trabalhador não cabe RECONHECIMENTO. A essência do capital é justamente destruir qualquer possibilidade de reconhecimento. O elogio, por outro lado, está no dicionário opressivo do capital. É pelo elogio escolhido a dedo, individualizado, dia a dia e a conta-gotas, variando de elogiado a elogiado, que ocorre a expropriação da alma do trabalhador. O operário padrão é a apoteose sórdida do elogio ao trabalhador. O elogio, no trabalho precarizado, é tão estratégico para a acumulação que o capital transferiu essa tarefa para o próprio consumidor. Seja no uber, no callcenter, nos indicadores de satisfação dos diversos serviços, atualmente quase todos precarizados, que o consumidor assume o papel de algoz e aperta o botão da guilhotina. Não é mais o patrão que demite... O dono do capital se cobre com um manto de justiça. RECONHECIMENTO? Neca. Elogios podem vir às pencas, mas a sua ausência num belo dia de sol, passa a ser, para o trabalhador, uma sentença de morte. ... Quantos elogiados anos a fio, ao serem demitidos choramingam: **NUNCA PENSEI ... DEDIQUEI MINHA VIDA ... SINTO-ME TRAÍDO ... FUI TRATADO COMO UM TRAPO ...** E a sentença definitiva: **SEMPRE FUI ELOGIADO, MAS NUNCA FUI RECONHECIDO.** O escritor goiano Brasílis Felício certa vez, num bar rodeado de garrafas vazias, disse algo assim: “*olha, nós que fazemos coisas para a graça pública não podemos nos importar com as críticas, nem com os elogios. Os que nos criticam podem ser competidores, invejosos; mas podem não ser também. Os que nos elogiam podem querer comprar a nossa carência, nos aquietar. Mas pode ser que tenham admiração por nós. Por isso, não devemos nos importar com a crítica, nem com o elogio, mas devemos ouvir ambos*”. Mesmo Drummond, na sua ilha maravilhosa, em seus desmundos, na oficina calada de sua criação, gritava por reconhecimento. José Henrique, admirado com Gandhi, Paulo Freire e tantos outros, disse que essas pessoas, apesar de lutarem contra a maioria, nunca desistiram de seus objetivos humanitários. Dizemos: “mas mesmo essas pessoas precisam do reconhecimento”.

Voltemos ao bar.



O lugar onde estávamos com Brasigóis era repleto de garrafas vazias ao lado, daí brincarmos com refino poético: “o fato, é que eu sou você com o nome que me é próprio, e você sou Eu com o nome que lhe é próprio, a nossa diferença é o que nos faz próximos. Essa proximidade é o jogo da alteridade. Somos iguais e diferentes, essa é a verdade da carne e da vida humana”. No bar as palavras dançam – sabemos. Na conversa rodeada de garrafas vazias: “a autonomia supõe não ser comandado pelo elogio, nem pela crítica, supõe ouvir ambas” - Repeteco!!! Repeteco!!! Repeteco!!! Sim, temos dificuldades pessoais de promover o RECONHECIMENTO; e mal vemos o Outro já que, instalados num mundo funcional, observamos-lhe, quase sempre, pelo que Ele nos rende no escopo de nosso interesse, esse interesse está sempre ligado ao nosso lugar na estrutura de poder. Daí, poder dizer que o poder não é o lugar de reconhecer. Há, no Brasil, duas posições renitentes na micrologia do poder: os que arremedam os coronéis com ameaças, com gritos, com a sua baioneta simbólica; e os puxa-sacos, que coordenam as suas relações estratégicas fingindo a subserviência para poderem se instalar nos grupos dominantes. As duas posições advêm de um mesmo fundamento, pois são signos do patriarcalismo patrimonialista que surrou camponeses, escravizou povos africanos e exterminou povos indígenas. Ambas se situam no que Roberto Schwarz chama “política das mercês”. Entretanto, hoje há uma gravidade socialmente constituída nesse campo. Desemprego estrutural, trabalho informal, insegurança salarial, instabilidade da economia, precarização, desregulação previdenciária, prêmios por desempenho, crescimento da economia marginal - traços da financeirização global da economia -, geram o adoecimento do trabalhador, pois criam um clima de competição, de desmerecimento do Outro, de formação de grupelhos interesseiros. Ao invés de RECONHECER o Outro, desmerece-o. Desmerecendo-o, enfraquece o sentido de classe para lutar contra a exploração.

O DESMERECEMENTO ENFRAQUECE A LUTA. O RECONHECIMENTO FORTALECE A VONTADE DE LUTAR.

Segundo, ainda, Lívia, individualmente pode-se fazer muita coisa para si, para o grupo e para o Outro. Porém, a equação entre o indivíduo e as determinações sociais e históricas não é fácil de ser resolvida. Há que se construir uma consciência para o RECONHECIMENTO. Talvez seja simples estimular essa consciência: todos os que estão aqui e os outros que não puderam vir, pertencem ao nosso filme real de vida. Todos compomos a peleja que nos faz caminhar nas estradas – e nas estradas, juntos, falamos os nomes, corre o sangue nas veias. Em nós ocorre a vida inteira no sentido de que versejou Quintana: “toda hora é hora extrema”.

Para cada ato sucessivo de NÃO RECONHECIMENTO de um governo sustentado no ELOGIO à barbárie e ao fascismo, vai de lá um abraço maracanã na turma que anda junta na estrada do Reconhecimento. Para cada impropério de um governo que pisa e cospe no respeito aos direitos humanos, um beijo coletivo na boca da turma do Reconhecimento. Somente em momentos alegres e jubilosos, com elegância-bagaceira cheia de amor, nos acolhe a vontade do RECONHECIMENTO. A linguista Luiza Helena nos ensina: “os departamentos são cheios de bobices”. Mais que “bobices”, o país tem um governo doente que adocece. O contexto nos chama à alegria e à luta. Vamos então com Wilhelm Reich: o gozo pode ajudar a enfrentar o nazismo... Gozando com elegância-bagaceira e júbilo, neste ano o jogo será bom para nós. Eis a mensagem de Márcia Tiburi: “tudo pede para que tenhamos atenção e zelo com quem está ao nosso lado”. Ela mesma, como Luiz Cabral, interpreta: “pessoas que têm estíma elevada possuem melhores condições de avaliar seus erros”. E, ademais, segundo Rodrigo Emídio “quem não chora é frágil”.

Trabalhadores de todas as cores estão chorando. São fortes! Se ao capital não é dado reconhecer, um bom recomeço seria os trabalhadores reconhecerem-se.

Chorando juntos, o oceano de lágrimas logo logo viraria um tsunami de esperança e justiça. E nele saberíamos navegar.....



OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.